Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.° á entrega
Portugal (franco de porte, (m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

26.° Anno — XXVI Volume — N.° 900

30 DE DEZEMBRO DE 1903

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39
Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

VISITA DE S. M. D. AFFONSO XIII A LISBOA

S. M. a Rainha D. Amelia — Ministra de Hespanha — S. M. El-Rei D. Carlos — Condessa de Seisal — D. Izabel Saldanha da Gama — Marqueza de Fayal — D. Maria Francisca de Menezes — Marquez de Alvito.
S. M. D. Affonso XIII — Duque de Soto Mayor — S. A. o Principe D. Luiz Filippe — D. Fernando de Serpa Pimentel — Conde da Ribeira — D. Bernardo de Almeida — Conde de Figueiró — Viscondessa de Asseca — Coronel Malaquias de Lemos — Visconde de Asseca — San Pedro, filho — D. Xavier Retegon.
Conde San Roman — Conde de Andino — Capitão Alvim — Conde das Galveias — Conde de Tovar — Guilherme Capello — Conde de Sabugosa — Conselheiro Wenceslau de Lima — Coronel Harcourt — Conde de Arnoso.
Marquez de Fayal — Major Guerreiro — Tenente-coronel Charters d'Azevedo — Tenente-coronel Albuquerque — Fernando de Serpa — D. Vasco Belmonte.

GRUPO DE SUAS MAGESTADES E CÔRTE QUE TOMOU PARTE NA CAÇADA REAL

(Instantaneo do sr. Antonio Novaes)

CHRONICA OCCIDENTAL

Os factos de maior interesse n'estes ultimos dias foram sem duvida a primeira representação da peça *Serão nas Laranjeiras*, no theatro de D. Maria e a extracção da loteria do Natal na Misericordia de Lisboa. Entretanto sobre os dois assumptos pouco poderei dizer porque, por falta de saude, não vi a peça de Julio Dantas e, por falta de meios, não me habilitei á sorte grande.

Nenhuma commoção recebi pois na hora em que para os interessados a sorte começou a revelar-se, quer no theatro, quer na Santa Casa, e só pelos jornaes, que grandes artigos publicaram sobre o dramaturgo e o felizardo, soube da forma muito differente por que a Fortuna favoreceu os srs. Julio Dantas e Rufino de Carvalho.

O Natal, com todas as suas festas tão de enternecer os corações, tambem não dá broas eguaes a toda a gente, e a criança que na chaminé põe, cheia de esperança, o sapatinho, nem sempre consegue attrahir o anjo que uma lenda do norte nos descreve a distribuir bonitos por ordem do menino Jesus. Depois do máo tempo veiu o frio intenso, e quanto pobre tremeu o queixo toda a noite, emquanto muitos a festejavam com a ceia do estylo! E' noite de alegrias de familia; pois quantos choraram n'essa noite por se verem sósinhos e não foram esses os mais desgraçados! Quantos choraram por suas familias a que não puderam acudir!

Boas festas! Boas festas! Mas o peor é o desejo andar na bocca de tantos e no coração de tão poucos.

O pobre de Lisboa ainda é feliz, porque o clima favorece-o, se o compararmos aos da maior parte das capitaes européas; mas em Paris, em Londres, em S. Petersburgo, que neves, que frios estas noites!

Mais se desenvolve a caridade, dirão alguns, e é verdade, mas d'aquelles a que não chega quantos morrem de miseria n'estes mezes de duro inverno!

Entre as melhores brôas repartidas agora, fala-se muito na que o cardeal Gotti entregaria ao novo papa: quarenta milhões em titulos da divida italiana que Leão XIII lhe havia depositado nas mãos para, quatro mezes depois da sua morte, fazer entrega ao papa que fosse eleito. Mais uns tantos milhões teriam sido achados n'um esconderijo do Vaticano. Telegrammas desmentiram já a noticia e transmittiram as palavras de Pio X lamentando não ser verdadeiro o que os jornaes espalharam.

Cincoenta milhões de liras! Pouco mais ou menos uns nove mil contos ao cambio mais desfavoravel! Até já o sr. Rufino de Carvalho nos parece um pobresinho das portas!

Dos pobres se lembrou elle e muitos bemdizem a esta hora a sorte que o favoreceu. Pois bem andou, que a maior alegria do rico será sempre o dar aos pobres alegria.

Ricos que assim o entendem bemditos sejam e contentamentos recebem por vezes quando vejam quanto são queridos. No dia 20 d'este mez foi cantado na egreja da Encarnação um solemne *Te Deum* em acção de graças por haverem escapado d'um grande perigo as sr.as Duqueza de Palmella e D. Maria Thereza O'Neill, quando foi do descarrilamento do comboio na linha de Cascaes. Então puderam ver quanto são suas vidas apreciadas e o muito bem que lhes querem aquelles a que fizeram bem.

Estamos no Natal, nenhum tempo é melhor para falarmos de caridade e de amor em todas as suas manifestações, que este une os homens melhor que todas as conveniencias. e une os povos atravez dos mares.

Nunca Portugal soffreu calamidade que muito longe não vibrassem os corações de todos os portuguezes, sentindo punjentemente a dôr de seus irmãos. Commovente symptoma é este da união dos portuguezes, por tantas maneiras revelada, quer se trate d'uma tristeza, quer se commemore uma alegria.

O portuguez no Brazil não esquece nunca a patria que saudoso deixou, e de longe lhe acode sempre com o bater de um coração e o producto do seu trabalho.

Mais uma vez agora temos de elogial-o aqui, commemorando a entrega ao governo portuguez da canhoneira *Patria*, construida no arsenal de Lisboa com o producto d'uma subscripção aberta no Brazil entre a colonia portugueza.

Do discurso pronunciado pelo sr. contra-almirante Augusto de Castilho extractamos estas palavras: «O acrisolado patriotismo é tão grande n'aquelles dos nossos patricios que residem no Brazil, a saudade da mãe patria tão intensa em seus generosos corações, que não ha sacrificios, por maiores que pareçam, que elles não se imponham resolutamente para suavisar uma angustia, uma calamidade nacional ou uma crise dolorosa do paiz onde nasceram.» Assim d'elles falou quem muito bem os conhece, quem no Brazil deixou entre portuguezes o mais glorioso nome.

Todos os mais oradores, que durante a cerimonia fizeram uso da palavra, enalteceram o patriotismo d'aquelles nossos irmãos de além mar, que tão maravilhosamente sabem honrar seu nome de portuguezes.

Muito lhes devemos por certo e ainda ha bem poucos dias ahi chegaram, do Rio de Janeiro e S. Paulo, os artistas da companhia de José Ricardo, abençoando a feliz idéa que tiveram organisando o giro artistico agora terminado.

Dirão talvez que foi uma excepção, mas a verdade é que, se outras companhias foram infelizes, em grande parte o deveram á sua pessima organisação e leviandade com que acceitam propostas alguns artistas, por sua pobreza ávidos de algumas moedas de prata.

O Brazil é e continuará sendo uma excellente fonte de receita para os actores portuguezes, desde que se lembrem que as platéas brazileiras teem visto o que ha de melhor no mundo como artistas dramaticos e não pensem deslumbral-as com companhias inferiores até para theatros de terceira classe. E então, por muito boa vontade que os portuguezes tenham de auxiliar seus patricios, esta ha de forçosamente cançar ao cabo de algumas noites.

Boa companhia e bom repertorio, eis o problema a resolver, cá e lá.

Assim o entendeu o Visconde de S. Luiz de Braga, que tem posto a representar no theatro D. Amelia a grande maioria dos melhores actores portuguezes e buscado sempre dar a conhecer ao publico de Lisboa o que ha de mais afamado no repertorio estrangeiro. A *Resurreição*, de Tolstoi, acaba de obter um exito muito grande n'aquelle theatro, sendo todos unanimes em celebrar mais uma vez o grande talento de Brazão e de Adelina Abranches.

Pena é que o theatro tão atrazado esteja por toda a parte, que assim fosse necessario para o applauso da platéa modificar o extraordinario romance do escriptor russo. Permittiu-o Tolstoi; todos havemos de nos curvar ante a sua decisão.

D'outro espectaculo, ainda que de genero muito differente, aqui devemos fazer menção, do qual o *Jornal da Noite* deu ampla noticia sob o titulo seguinte:

Pesos e alteres

CAMPEONATO AMADOR DE PORTUGAL

Organisado pelo «Jornal da Noite» Com a coadjuvação do Real Gymnasio Club Portuguez

BOUHON CAMPEÃO DE PORTUGAL

João de Azevedo e Bouhon, «recordmen» do mundo

Razão teem os nossos collegas de chamarem a attenção para o muito que desejam contribuir com seus esforços afim de melhorar as condições em que entre nós se encontra a educação phisica.

O campeonato de força realisou-se no Salão da Trindade, cabendo a victoria ao sr. Camillo Bouhon, que recebeu o primeiro premio — uma taça, offerecida pelo Real Gymnasio Club, medalha d'oiro e medalhão de Desbonnet. O segundo premio — objecto d'arte, offerecido pelo *Jornal da Noite*, medalha offerecida pelo sr. Ruy Alves da Cunha e medalhão de Desbonnet—foi ganho pelo sr. João de Azevedo. O terceiro premio — objecto d'arte, offerecido pelo *Diario de Noticias* — coube ao sr. Joaquim José Rodrigues. Entraram mais no certamen os srs. Vaz Guedes, Albino Soares Jorge, Cesar de Mello e José Dieguez.

Foi arbitro o sr. Desbonnet, professor illustre, que no dia seguinte, ás nove da manhã, partiu no *Sud-express* para Paris.

Magnifico e util espectaculo foi este, pelo qual d'aqui enviamos aos presados collegas do *Jornal da Noite* os nossos muito sinceros parabens.

João da Camara.

MESSIAS

«A verdade esta he a que se ha de buscar nas Escripturas sanctas, não a eloquencia.»

Da Imitação de Christo — Traducção de Ernesto Adolfo de Freitas.

O Messias! eis-nos no mez de Natal, e não póde passar em claro para os povos cultos este periodo annual em que foi escripta no presepio de Bethlem a pagina mais formosa da historia da humanidade!

E' que no dia 25 do mez de dezembro occorre o anniversario do nascimento de Jesus Christo, e no dia d'esse nascimento o Messias deixou de ser uma simples esperança das nações, converteu-se em facto realissimo!

«D'entre os nimbos carregados que se acastellam no horisonte, disse o conego Senna Freitas na obra *No presbyterio e no templo*, vemos sempre despontar sereno e formoso o arrebol d'este dia, e retempera-nos de coragem para os certamens da vida o echo d'essa voz angelica que rediz ainda e redirá aos nossos ouvidos christãos a promessa áuspiciosa, entornada um dia das regiões do infinito sobre um novo mundo, como um rocio benefico: = Gloria a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade.»

Foi de paz a hora d'aquelle nascimento, denunciando assim a abertura de era nova em que o amor haveria de attrahir e aquecer o seu proprio fogo de incandescencia dominadora, as intelligencias e os braços, almas e corpos!

As sociedades antigas e as civilisações que as caracterisavam tinham percorrido cyclos de luctas absorventes e não haviam conseguido fincar no solo, theatro de tantas scenas de orgia sensual e de crueldade, mais que monumentos de força e de oppressão.

Não se desenvolvêra jámais em vida pratica o principio fundamental de dignidade humana e a abnegação sublime da caridade: a mesma Grecia e a mesma Roma que pela excellencia philosophica e pela constituição do Estado quasi chegaram a attingir o ideal do Christianismo, admittiram escravos em seu seio, e appellaram em seu desespero para todos os deuses de todos os cultos a fim de abonançarem as tempestades de suas consciencias.

As satyras dos poetas nada remediavam, e os systemas philophicos nada edificavam de perduravel n'aquelle anceio insubmisso e perfeitamente febril.

«N'esta situação de necessidade universal, sustentou Alzog na *Historia Universal da Egreja*, nasceu uma multidão de profecias ácêrca de *um Salvador*, que do Oriente se espalhou para o Occidente.»

Todos se interrogavam com respeito aos oraculos que o annunciavam, e cada qual interpretava a seu modo o que era relativo a esse Salvador promettido.

«O mediador da Persia, da China, da India, das duas Americas, affirmou o marechal duque de Saldanha no opusculo *A Verdade*, o annunciado pelas sibyllas e pelos prophetas, o desejado dos philosophos gregos e romanos é tambem cantado nos bosques do norte sob o nevoso céu da Scandinavia por Vola, a prophetisa sagrada, na assembléa dos deuses.»

Entretanto existia um povo com sciencia certa da vinda do Messias e com espectativa segura de seu apparecimento; era o povo hebreu.

Não se desconhecia em Israel o logar do berço, nem até a familia de onde sahiria o futuro condemnado de Poncio Pilatos.

Quando os magos perguntaram em que sitio nasceria o rei dos Judeus, responderam-lhes os principes dos sacerdotes e os escribas do povo:

«Em Bethlem, cidade de Judá, porque está escripto: E tu, Bethlem, cidade de Judá, não és a menor entre as cidades; de ti deve sair o chefe que conduzirá Israel.»

Perderam-se porém os judeus em seu desejo ardente de temporalidade secular: quereriam antes um Messias guerreiro que lhes estabelecesse e consolidasse imperio invencivel e dilatado, que um Messias dormindo sua primeira noite nas palhinhas de um improvisado albergue concedido por esmola.

«N'este declinar de religião e de negocios dos Judeus, ao terminar o reinado de Herodes e em tempo no qual os phariseus introduziam tantos abusos, lê-se no genial *Discurso sobre a historia universal*, por Bossuet, Jesus Christo é enviado á terra para restabelecer o reino na casa de David, de modo mais elevado que o entendiam os carnaes Judeus, e para prégar a doutrina que Deus resolvera fazer annunciar a todo o universo. Este

infante admiravel, chamado por Isaias o Deus forte, o Pae do seculo futuro, e o Auctor da paz, nasce de uma virgem em Bethlem, e vem reconhecer ahi a origem de sua raça.»

Todavia, singularmente humilde se afigura o aspecto do berço — presepio que abrigava o gado e poderia tambem offerecer guarida a miseraveis pastores!

Porque tão enorme desamparo e tão profunda pobreza, acompanharam a esposa do carpinteiro Joseph na inolvidavel noite de seu parto augusto?

«E' que a grandeza e a perfeição do designio de Deus, se ouso assim dizer, estava na grandeza e perfeição de seu abatimento» conforme a linguagem de Leroy na *Philosophia catholica da Historia.*

Foi assim com effeito: a creança obscura tornou-se tão grandiosa na evolução social e nos esplendores do progresso que talvez desmerecesse em conceito se houvera tido ouropeis e atabáles ao desprender-se das entranhas maternaes para entrar na comedia d'este mundo, falso e lisongeiro.

O Messias! é o doce filhinho de Maria, de Nazareth, que o dia de Natal recorda em todo o orbe christão, e que as familias consagram em suas festas intimas, com plena alegria das creanças.

Nenhum facto se commemóra, dentro e no exterior do lar domestico, tão de geito e tão de molde a animar e encantar a infancia como o do nascimento do divino infante: é que elle reveste-se de graças que seduzem, de attractivos que enleiam, de innocentes devaneios que enternecem!

«Prostrae-vos, adorae o Deus que morre para salvar da perdição o Mundo» exclamou Milton no *Paraizo Perdido:* diante do presepio de Bethlem não seria para «o Deus que morre» que o poeta inglez repetiria: «Prostrae-vos, adorae» mas para a vida do mundo que nasce, para o Messias que vive!

Nós podemos tambem prostrar-nos e adorar, sem embargo da philaucia de nosso orgulho e da jactancia de nossa sciencia.

Procedendo assim, imitaremos meramente os pastores que dignificaram o hymno de paz entoado nos espaços e os magos que levaram, respeitosos, ao berço o tributo espontaneo da gentilidade!

D. Francisco de Noronha.

Visita de S. M. D. Affonso XIII a Lisboa

(Concluido do n.º antecedente)

Quando Snas magestades deram entrada no Campo Pequeno logo se deu começo á corrida em que tomaram parte, como cavalleiros José Bento, Fernando d'Oliveira, Manuel Casimiro, Joaquim Alves, Simões Serra e Eduardo Macedo, os bandarilheiros Cadete, Manuel dos Santos, Rocha e Thadeu, 2 grupos de moços de forcado, 12 campinos a cavallo com os respectivos pampilhos, todo o estado de creados e coche real, com grande apparato e luzimento.

Suas magestades retiraram-se perto das 5 horas da tarde, sendo os *landans* em que vinham o Rei D. Affonso, El-Rei D. Carlos e a Rainha Senhora D. Amelia e o principe Real, escoltados até Lisboa por grande numero de officiaes a cavallo e cavalleiros.

A' noite realisou se a recita de gala no theatro de S. Carlos em cuja sala se admirava o mesmo aspecto imponente da recita em homenagem ao rei Eduardo VII.

Pelas 9 horas da noite deram entrada na tribuna real Suas Magestades: a Rainha D. Amelia pelo braço d'El-Rei D. Affonso e a Rainha D. Maria Pia pelo de seu filho El-Rei D. Carlos.

A orchestra tocou o hymno hespanhol, findo o qual o sr. conde d'Avila, presidente da Commissão Administrativa da Camara Municipal levantou vivas ao Rei de Hespanha, Rainha D. Maria Chrsitina e familia real hespanhola, que foram correspondidos calorosamente. Eguaes demonstrações de enthusiasmo corresponderam aos vivas levantados pelo sr. conde d'Avila a El-Rei de Portugal e á familia real portugueza.

Seguiu-se o espectaculo que constou da opera *Fedora* de Giordano, desempenhada pela sr.ª Lafarque, tenor De Lucia, sr.ª Silvestri, barytono Buti, etc.

Terminada a execução da opera a orchestra tocou novamente os hymnos hespanhol e portuguez repetindo-se as mesmas manifestações de saudação ás duas familias reinantes.

Ao retirar-se o Rei de Hespanha foi alvo d'uma ovação calorosa de palmas e vivas enthusiasticos, que o monarcha hespanhol agradeceu commovido.

Como o tempo não tivesse permittido nas anteriores noites o festival nocturno foi esta a noite escolhida por ser a ultima dos festejos.

A illuminação na Avenida á moda do Minho e cognominada de Santo Thyrso produziu um effeito surprehendente excedendo toda a espectativa.

Casavam-se com este brilhante systema de illuminação outros já nossos conhecidos, mas que no seu conjuncto, pela multiplicidade de luzes de variadas côres, na relva, ao pé das fontes e dos lagos, sobre as palmeiras e contornando os gradeamentos dava um aspecto phantastico á nossa formosa Avenida,

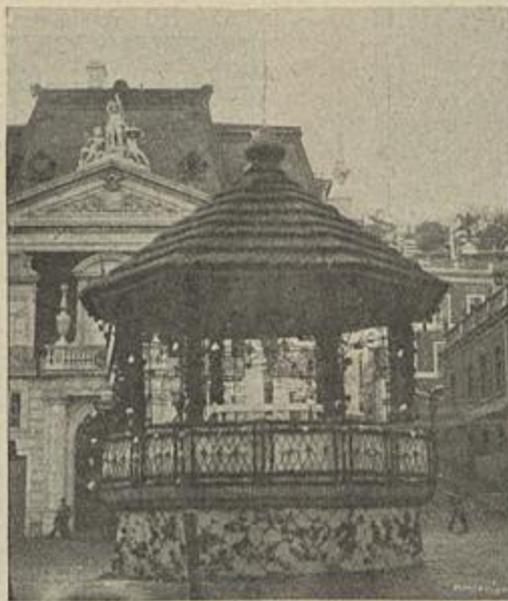
Pouco depois das 8 horas passou ali a familia real, indo á frente n'um *landau* Sua Magestade Affonso XIII com Sua Magestade a Rainha D. Amelia e El-Rei D. Carlos.

O effeito das illuminações produziu agradavel impressão em Suas Magestades.

O fogo de artificio, que se começou a queimar ás 10 horas da noite, era d'esta vez da casa James Pains, de Londres, e constou de peças de muito effeito sobresahindo a cascata de prata, o medalhão real, os foguetes abertos em *bouquets* de flores e a peça final em que se lia «Boas noites».

Calcula-se em cem mil pessoas a enorme massa de povo que ondulava em toda a grande extensão da Avenida.

Eram tambem de muito bom gosto as illuminações do Chiado, R. do Almada, Alecrim e do Carmo, Paços do Concelho, etc.

Nos coretos da Avenida em frente do theatro da rua dos Condes, lado oriental, tocava á banda de caçadores 6, e do lado occidental a banda de infantaria 5.

Coreto na Avenida da Liberdade
(Photographia do sr. Sequeira Cardoso)

Em frente da rua das Pretas, lado oriental, tocava a banda da Sociedade Incrivel Almadense, e do lado occidental a banda da Sociedade Instructiva Recreio Familiar Almadense.

Em frente da rua Barata Salgueiro, lado oriental, tocava a banda da Sociedade Alumnos de Apollo, e do lado occidental a banda da Academia 1 de julho de 1893, do Lumiar.

Em frente da rua Alexandre Herculuno, lado oriental, tocava a banda da Sociedade Instructiva e Recreio de Paço d'Arcos, e do lado occidental, a banda da Academia do Pessoal do Commando Geral de Artilharia.

No coreto da Avenida tocava a banda de caçadores 2.

No coreto da Praça do Marquez de Pombal tocava a banda de infantaria 16.

Este coreto era genuinamente hespanhol.

A cupula, da forma de um *para sol*, era revestido exteriormente de *pon-pons* amarellos e vermelhos, ornamento usual das pandeiretas sendo interiormente forrado de panno verde, disposto artisticamente em pregas.

A base da construcção tinha a forma de uma pandeireta com os respectivos pratos metallicos. Por sobre a face lateral d'esta pandeireta foram collocados grandes paineis com caricaturas allegoricas aos costumes portuguezes e hespanhoes.

A illuminação fazia-se por tres lampeões electricos, um na extremidade do guarda sol e dois interiormente.

Havia além d'estes mais seis coretos construidos nas ruas por onde passou o cortejo.

O do Rocio em estylo simples, pintado a duas côres, as da bandeira hespanhola amarello e vermelho.

O da Praça do Municipio d'um gosto delicado encimado pelo escudo do municipio.

Coreto na Praça do Duque da Terceira
(Photographia do sr. Sequeira Cardoso)

O da Praça do Duque da Terceira de columnas de madeira a apoiarem-se n'um estrado bordado por uma galeria ornada de estrellas azues e vermelhas.

Coreto de Santos
(Photographia do sr. Armando Barral)

O de Santos em estylo arabe. Todo em branco com ligeiras pinturas e doirados nos frisos e nas ogivas.

O do largo do Calvario encimado pela corôa real hespanhola tendo o corpo central em forma de octogno pintado a azul e branco.

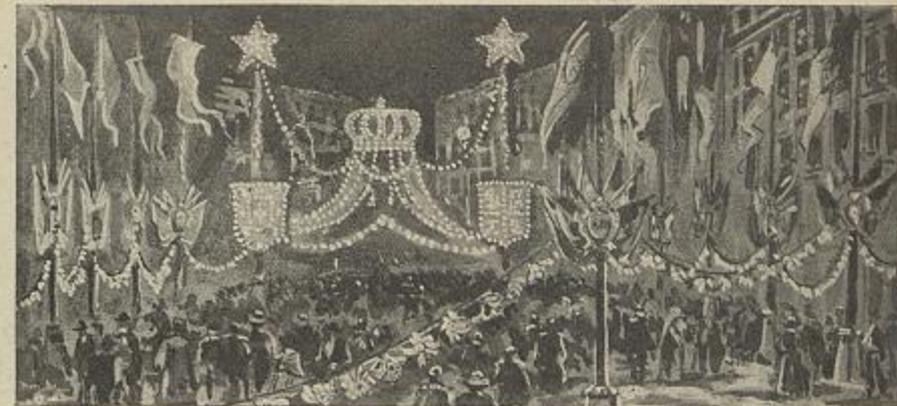
O da Junqueira do mesmo modelo do da praça do Duque da Terceira, com ornamentação de doirados em relevo.

PARTIDA PARA VILLA VIÇOSA

Antes das onze horas da manhã do dia 14, chegavam Suas Magestades ao pavilhão armado

VISITA DE S. M. D. AFFONSO XIII A LISBOA

ILLUMINAÇÕES Á MODA DO MINHO NA AVENIDA DA LIBERDADE
(Desenho do sr. Christino da Silva)

A FLOTILHA QUE DO ALFEITE ACOMPANHOU SUAS MAGESTADES AO BARREIRO
(Instantaneo do sr. Antonio Novaes)

ILLUMINAÇÕES NA RUA GARRETT E PRAÇA LUIZ DE CAMÕES
(Desenho do sr. Christino da Silva)

A CAÇADA EM VILLA VIÇOSA — S. M. El-rei D. Carlos I apontando aos gamos

A CAÇADA EM VILLA VIÇOSA — Os srs. Marquez de Fayal e Conde de S. Roman caçando os gamos
(Instantaneos do sr. Antonio Novaes)

ILLUMINAÇÕES E FOGO DE ARTIFICIO NA ROTUNDA DA AVENIDA DA LIBERDADE
(Desenho do sr. Christino da Silva)

A CAÇADA EM VILLA VIÇOSA — SS. MM. D. Affonso XIII e D. Carlos I apontando aos veados

A CAÇADA EM VILLA VIÇOSA — S. M. D. Affonso XIII examinando as peças de caça
(Instantaneos do sr. Antonio Novaes)

na Praça do Commercio e pouco depois D. Affonso XIII ali se dirigia tambem a cumprimentar a familia real portugueza.

Trocados os cumprimentos da pragmatica, D. Affonso beija respeitosamente a mão da Rainha Senhora D. Maria Pia, que oscula o monarcha hespanhol repetidas vezes nas faces, e, dando o braço á Rainha Senhora D. Amelia, dirige-se para o Caes das Columnas, tomando logar Suas Magestades na galeota real e no bergantim, e na saveira as pessoas da comitiva e o representante do governo, sr. Wenceslau de Lima.

A pouca distancia, o vapor *D. Amelia* aguardava Suas Magestades para as transportar ao Barreiro, e, logo que a galeota atracou, foram dadas as salvas do estylo, acompanhadas dos vivas calorosos de todos os marinheiros dos navios de guerra nacionaes, do pessoal do vapor dos Caminhos de Ferro do Sul e da flotilha que acompanhou os monarchas portuguezes e hespanhol a bordo do mesmo vapor.

Em frente do Alfeite, sahiu ao encontro do *D. Amelia* um rebocador com o administrador do concelho de Almada, a camara municipal com o estandarte, e outros funccionarios, seguido d'uma flotilha composta de mais de cincoenta barcos embandeirados e decorados com verdura e flôres, levando a bordo as philarmonicas da Trafaria, Porto Brandão, Fonte Santa, Cova da Piedade e Almada, que executaram a marcha real hespanhola e o hymno da Carta, levantando o sr. administrador do concelho calorosos vivas, que foram enthusiasticamente correspondidos.

Na ponte da Mexilhoeira aguardava o cortejo nova flotilha, composta de embarcações tripuladas por gente do Barreiro. Ahi repetiram-se os vivas e os hymnos, manifestação que D. Affonso agradeceu commovido.

Ao approximar-se o vapor *D. Amelia*, subiram ao ar muitas girandolas de foguetes e soaram estrepitosos vivas, que se prolongaram no desembarque de Suas Magestades e Alteza, até que, entrados na plataforma da estação, o sr. João Pimenta, presidente da camara, levantou vivas a Suas Magestades e familias reaes portugueza e hespanhola.

Dirigindo-se para a sala nobre da estação, ali o sr. Alfredo Gallis, administrador do Barreiro, dirigiu ao soberano hespanhol algumas palavras de saudação, a que respondeu D. Affonso.

Terminadas as apresentações das pessoas presentes, feitas pelo sr. Alfredo Gallis, Suas Magestades e Alteza tomaram logar no comboio real, que pouco depois partia entre vivas enthusiasticos ás duas familias reinantes.

Nas estações do Barreiro e do Lavradio fizeram-se manifestações ao augusto visitante, sendo as mais imponentes em Montemór-o-Novo, Azaruja e Extremoz, onde se organisou o cortejo que acompanhou a Villa Viçosa Suas Magestades. A' chegada á historica e formosa villa, antiga côrte da Serenissima Casa de Bragança, ali, á porta do palacio, aguardavam os regios viajantes as auctoridades civis e militares, o administrador da Casa de Bragança, almoxarife do paço e seu secretario, etc.

O batalhão de infanteria 2, sob o commando do sr. major Menezes, formava no lado esquerdo da estrada central, Terreiro do Paço, tendo á frente a banda de musica. A guarda do paço era commandada pelo sr. capitão Almeida Pinto.

Acompanhava o cortejo toda a officialidade de cavallaria 10 e um esquadrão do regimento commandado pelo sr. capitão Pacheco.

O Terreiro do Paço estava vistosamente decorado e a illuminação á veneziana era d'um bello effeito.

O jantar e o concerto realisaram-se na noite da chegada a Villa Viçosa.

Nos dias 16 e 17 foram as caçadas, sendo na noite de 16 que houve a manifestação popular, em que se fizeram representar todas as classes.

Nas caçadas tomaram parte, além de Suas Magestades, Principe Real e D. Affonso XIII, a sr.ª marqueza e o sr. marquez de Fayal, conde de S. Roman, capitão Alvim, tenente-coronel Charters de Azevedo, condessas de Figueiró e de Seizal, D. Isabel Saldanha da Gama, visconde de Asseca, D. Anna Mendez Vigo Polo Barnabé, D. Maria Francisca de Menezes, conde de Figueiró, duque de Sottomayor, conde das Galveias, general Harcourt, Faustino San Pedro, conde de Ayerber, Blanco, D. Vasco Cabral da Camara, Polo de Barnabé, conselheiro Wenceslau de Lima, marquez de Alvito, Guilherme Capello, major Garcia Guerreiro, coronel Malaquias de Lemos, D. Fernando de Serpa e tenente-coronel Alfredo de Albuquerque.

Finda a caçada do dia 17, D. Affonso presenteou o sr. marquez do Fayal com uma cigarreira de ouro, cravejada de saphyras; a sr.ª marqueza do mesmo titulo com a banda de Maria Luiza, e o seu particular Ruas com um alfinete de brilhantes.

A's 3 horas da tarde partiu para Elvas D. Affonso XIII com a sua comitiva, acompanhado pelos srs. condes de Sabugosa, Wenceslau de Lima e outros personagens da côrte.

El-Rei D. Carlos, Sua Magestade a Rainha e o Principe Real acompanharam o monarcha hespanhol até á porta do paço, sendo as despedidas dos dois monarchas muito affectuosas.

D. Affonso XIII abraçou repetidas vezes El-Rei D. Carlos e beijou commovido Sua Magestade a Rainha.

Das janellas do paço, Suas Magestades assistiram ao desfile do cortejo, em que se encorporaram os srs. governador civil, administrador do concelho, vice-presidente da camara, etc.

Em Elvas teve o monarcha hespanhol manifestação carinhosa e imponente, na occasião em que o comboio saía das Fontainhas para regressar a Hespanha.

A porta da cidade e a estação estavam ornamentadas com muitas bandeiras, escudos e galhardetes, e illumiadas a luz electrica e archotes.

Na estação, além de muito povo, estavam o governador civil de Portalegre, a camara municipal, todas as auctoridades locaes, as tropas da guarnição, etc.

Eram 7 horas e 45 minutos da tarde quando o comboio se pôz em marcha para Badajoz, conduzindo o monarcha hespanhol, em quem, certamente, por muito tempo hão de existir recordações saudosas da fórma como foi recebido em Portugal.

PARTIDA PARA ELVAS DE S. M. D. AFFONSO XIII
(Instantaneo do sr. Antonio Novaes)

VILLA VIÇOSA

ALEX BRUNS

Professor de linguas de S. M. D. Affonso XIII

Fez parte da comitiva que acompanhou S. M. D. Affonso XIII a Lisboa o distincto professor sr. Alex Bruns, director da *The Berlitz School of Languages*, em Hespanha e Portugal.

A preferencia dada ao sr. Alex Bruns para professor de linguas do joven monarcha hespanhol é prova segura do merecimento e competencia do illustre polyglota, e das grandes vantagens do methodo Berlitz, vantagens praticas e incontestaveis.

D. Affonso XIII, fazendo-se acompanhar pelo sr. Alex Bruns, demonstrou o alto conceito e estima em que tem o seu professor de linguas.

Nós folgamos com a distincção concedida ao sr. Alex Bruns, porque fomos dos primeiros que, ha dois annos, apresentámos o illustre professor e seu irmão Hubert Bruns ao publico, e a recommendar a sua competencia como polyglotas e professores pelo methodo Berlitz.

Por essa occasião, os illustres professores, tendo conhecimento do DICCIONARIO DAS SEIS LINGUAS, editado pela Empresa do OCCIDENTE, ficaram surprehendidos de virem encontrar em Lisboa uma obra de tão grande alcance pratico, e o sr. Alex Bruns, não só com o maior prazer a prefaciou, como o recommendou muito em especial para o uso das escolas Berlitz.

O sr. Hubert Bruns não menos se tem distinguido em Portugal na direcção das escolas pelo methodo Berlitz, e, principalmente Lisboa, onde o sr. Hubert Bruns dirige a escola d'este methodo, sabe quanto tem aproveitado os que a ella tem recorrido, no estudo das linguas vivas, e a maneira porque são recebidos pelo distincto professor.

ALEX BRUNS
Professor de linguas de S. M. D. Affonso XIII

A MINHA AZINHEIRA

Ao meu amigo sr. Conde de Valenças

Queria-lhe tanto que até lhe chamava minha, posto que outro fosse seu dono, que eu nem palmo de terra possuo no Alemtejo, quanto mais um metro quadrado, que não menos, occupava no solo, onde embebia suas raizes, a frondosa arvore.

Quando o *landau* sahia da estrada de Móra e entrava no caminho do monte da Abrunheira, por entre os choupos ainda pequeninos a balouçarem ao vento suas folhas prateadas, eu ia olhando attento pela curva do corrego, até lobrigar a casa, e logo o terreiro onde se erguia a secular azinheira, que ali ficara como guarda permanente da herdade e recordação do que fôra aquelle logar antes de arroteado.

De tantas que por ali havia só aquella escapara, quando desbravaram o monte para plantar a vinha. Não houve animo de a derrubar.

A velhinha sustinha-se bem no seu tronco robusto, a ramada viçosa formava ampla copa de boa sombra. Era elegante e veneranda, parecia que os annos não lhe pesavam; nem um ramo secco, nem uma mossa no tronco, nem uma fractura. Sabia-se da idade que devia ter, pela robustez e desenvolvimento que attingira, porque as coisas da natureza só o tempo as faz e as consolida.

Para que destruil-a? Não causava estorvo; ficava no grande terreiro onde se erguia a casa e era como que uma peça decorativa que mão de artista ali tivesse collocado.

As arvoresitas novas que plantaram em volta do largo, formavam-lhe gracioso cortejo, e a velha azinheira estendendo seus ramos dava sombra por todas ellas.

Ah! como eu gostava de me acolher sob a sua ramaria, quando o sol escaldava a terra com o fogo de seus raios, e á sombra d'ella eu lia, nas horas descançadas da montanha, onde me apartava da vida turbulenta da cidade. Quando da janella do meu quarto, ao levantar-me de manhã, eu a via ainda aljofrada do rócio da madrugada, e os passaritos saltitando por entre os seus ramos chilreavam os trinados matutinos a festejar o sol que nascia.

A' tardinha o mesmo concerto das avesinhas, que recolhiam aos seus ninhos alcandorados nos ramos agasalhadores.

E quantos annos, um seculo talvez, assim viu passar aquella azinheira, firme no seu posto, resistindo ao tempo e aos vendavaes, abrigando sob seus ramos tantas vidas, tanta alegria de festivos cantares ao Sol que despontava, ao dia que acabava.

Fugitivo foi o tempo que a conheci, porque foram horas felizes, de esquecimento das coisas da vida, e por isso me dava tanta alegria o vêl-a, quando a boa fortuna me levava onde ella estava.

Se eu fôra ainda moço não me teria impressionado tanto, porque a mocidade pouco se detem na contemplação da natureza e antes se enleva nos artificios do mundo.

Os annos, porém, approximam o homem da mãe commum, a Terra. O que d'ella nasce é como se fôra nosso irmão; as plantas que crescem, as arvores que encontrámos ou que plantámos, o ribeiro que serpenteia, a fonte correndo, a orchestra da natureza, começa a attrahir-nos á proporção que nos vamos apartando das illusões da vida. Sentimo-nos attrahir para a Terra porque é tudo que nos resta do mundo; porque é ella alfim que nos recolhe em seu seio.

* * *

Um dia, pela tarde, cheguei á Abrunheira em companhia do meu querido amigo Conde de Valenças. Era vespera do Natal. O *landau* ia volteando pelo corrego, e, vencida a curva, entrava no terreiro aberto.

Uma surpreza me colheu; a casa lá se erguia no meio do grande largo, mas a azinheira tinha desapparecido!

As arvoresitas, que lhe faziam cortejo, muito encolhidas na nudez de seus debeis troncos, metiam dó. Uma vaga tristeza pairava sobre o campo, áquella hora crepuscular.

Quando voltei a mim da surpreza, ao apear-me do *landau*, perguntei pela azinheira a um dos trabalhadores que ali estavam.

— A azinheira do largo?

— Sim.

— Deu-lhe um ar mau e seccou.

Tinha morrido!

* * *

A' noite fumegava a canja nos pratos, e o peru tostado no forno, esperava, no meio da mesa, que o trinchante o repartisse pelos comensaes.

Na lareira ardia um grosso tronco esbrazeado como o Sol, aquecendo a casa, emquanto lá fóra o frio regelava.

— Que bello madeiro, disse eu.

— E' da azinheira do largo, respondeu-me D. Ricardo.

Eu senti um calafrio.

A arvore amiga que tanta vez me abrigara á sua sombra, ardia agora na lareira, e o calor do seu brazido ainda me aquecia.

A inanidade da morte não lhe tolheu a pratica do bem.

Consumiu o ultimo globulo de seiva; deitaram-n'a por terra como inutil para a vida; reduziram-n'a a cinzas e o seu calor ainda me aqueceu.

Eis porque eu tanto te queria, porque á tua sombra me acolhi, e agora, nem sequer posso nutrir a esperança de me aqueceres esta vida que sinto esfriar.

Caetano Alberto.

O NOSSO SUPPLEMENTO

RETRATO DE S. M. EL-REI D. CARLOS I

Quadro de Velloso Salgado

Folgamos de poder apresentar aos nossos estimaveis assignantes uma reproducção, em gravura, do bello quadro representando S. M. El-Rei D. Carlos I, que o talentoso professor da Academia de Bellas Artes de Lisboa, sr. Velloso Salgado, concluiu, ha pouco, para a Camara Municipal de Lisboa, e que foi inaugurado na sala principal dos Paços do Concelho, por occasião da visita de S. M. D. Affonso XIII.

Não podia vir mais a proposito o acabamento e collocação de uma obra d'arte de tão elevado apreço, porque, ainda que o sr. Salgado já tenha os seus creditos firmados por tantas outras obras de valor, o quadro agora apresentado é, seguramente, dos que mais honram o artista e professor.

E' perfeita a semelhança do retrato, como é perfeita a factura do quadro. Sobrio na composição, sem excesso de pormenores, que muitas vezes prejudicam a arte, a figura do monarcha, de tamanho natural, tem toda a magestade e magnificencia que caracterisam El-Rei D. Carlos I.

Este quadro constitue um verdadeiro acontecimento no nosso meio artistico, tanto pelo illustre personagem retratado, como pelo artista que o pintou.

VELLOSO SALGADO

Ao sr. conde d'Avila, dignissimo presidente da Commissão Municipal de Lisboa, cumpre-nos agradecer a amabilidade com que acolheu o nosso pedido, auctorisando a reproducção do quadro nas paginas do OCCIDENTE, e bem assim ao dignissimo architecto da camara sr. José Luiz Monteiro, qne, da melhor vontade, dirigiu a remoção do quadro, a fim de ser convenientemente photographado.

LICÇÕES DE PHOTOGRAPHIA

Ninguem ignora que um cliché branqueado n'um banho de bichloreto de mercurio pode ser ennegrecido mergulhando-se no hypposulphito de soda, mas para isso, será necessario que este seja muito fraco, porque aliás, em vez de se reforçar o cliché, obter-se-hia o effeito contrario. Afim de evitar esse inconveniente, é preferivel empregar o hypposulphito duplo:

Indiquemos, para exemplo, 3,gr 5 de hypposulphito de soda e 6,gr 5 de chloreto de ouro em 500 gr. de agua, ou melhor ainda, afim de sahir um pouco mais em conta ao amador da arte de photographia substituir o chloreto de ouro pelo azotato ou acetato de chumbo.

A' solução do acetato ou azotato juntemos a solução concentrada de hypposulphito de soda até redissolução do precipitado que, a principio, se forma, e conserve-se o preparado ao abrigo da luz.

Para uzar, deve-se diluir, previamente com a agua, a solução acima indicada.

AOS SRS. ASSIGNANTES

Ao terminar com este numero o 26.º vol. do OCCIDENTE, enviamos as **Boas festas** aos nossos assignantes, e esperando que nos continuarão a coadjuvar na missão que ha 26 annos nos impozemos, enviamos os nossos agradecimentos.

A EMPRESA.

AVISO

Com este numero é distribuido gratis a todos os srs. assignantes o frontespicio, indice e capa de papel do presente vol. E' tambem gratis para os srs. assignantes o **Supplemento Brinde: Retrato de S. M. El Rei D. Carlos I**, copia de um quadro de Velloso Salgado.

O supplemento avulso custa 200 réis e com o numero, 320 réis.

PALACIO REAL DE VILLA VIÇOSA